

## A PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA DA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA PARA A PRÁTICA EDUCATIVA

**PILLATT<sup>1</sup>, Líbera R. Bazzan – Unibalsas**

**SCHÖNARDIE<sup>2</sup>, Paulo Alfredo – Unijuí**

*UNIBALSAS- Faculdade de Balsas*

**Resumo:** Tema central do artigo é a reflexão sobre a própria prática educativa, balizada pela perspectiva epistemológica da pedagogia da autonomia. Sob o ponto de vista teórico, a obra ‘Pedagogia da autonomia’ de Paulo Freire é a referência principal da análise do cotidiano docente. O objetivo central do estudo consiste, assim, no repensar a própria prática educativa com base na perspectiva teórica freireana, visando qualificar aos educadores e ao processo educativo como um todo. Teoria e prática em diálogo são problematizados, favorecendo a construção de didáticas pedagógicas inovadoras, contribuindo para a resolução de desafios da formação docente. A metodologia é baseada, por um lado, na revisão bibliográfica e, por outro lado, na análise da própria prática educativa. Ao final, é percebido que ao repensar a prática cotidiana docente a partir da perspectiva epistemológica da pedagogia da autonomia, mudamos nossa percepção e prática da educação, acreditando, também, que, com esta experiência, seja possível influir positiva e amplamente no processo de formação.

**Palavras-chave:** Educação; Docência; Teoria Freireana; Autonomia.

### Introdução

Enquanto educadoras e educadores, somos desafiados cotidianamente a pensar sobre nossas práticas e/ou experiências educativas. Da ação e da reflexão emerge o duplo sentido de ensinar e aprender, em que tanto ‘ensinantes’ quanto ‘aprendentes’ ensinam e aprendem ao mesmo tempo. Não significa aqui minimizar o conhecimento docente, mas sim, reconhecer que em uma sociedade republicano-democrática, também o processo educativo precisa levar todos os sujeitos envolvidos na aprendizagem em consideração. Nesta conjuntura, o protagonismo da professora, do professor é transferido da prática autoritária para o reconhecimento da centralidade dos estudantes/aprendentes. A reflexão construtiva sobre a própria prática educativa não é, entretanto, algo que se dá de forma automática, mas sim,

---

<sup>1</sup> Autora. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí. Professora da Unibalsas. E-mail: [pillatt.libera@gmail.com](mailto:pillatt.libera@gmail.com)

<sup>2</sup> Co-autor. Pesquisador de Pós-Doutorado PNPd/Capes no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí. Doutor em Ciências Sociais pela UHH – Universität Hamburg. E-mail: [pschonardie@gmail.com](mailto:pschonardie@gmail.com)

precisa ser construída. Esta construção pode se dar pela ponderação da prática educativa, balizada pela perspectiva epistemológica da pedagogia da autonomia, o que passa a ser o cerne da reflexão aqui introduzida. Ou seja, nós educadores estamos propondo pensar historicamente nossas atividades cotidianas a partir de um balizamento pela matriz teórica freireana. Não hesitamos em afirmar que o avanço e a melhoria da educação passam pela premência de educadoras e educadores refletirem sobre seu objeto de trabalho.

Para Morin (2014, p. 1), é preciso educar os educadores. Numa perspectiva bancária da educação (FREIRE, 1975), professores e professoras estariam completamente prontos para educar logo ao concluir seu curso superior. Estudo de Schönardie (2008, p. 34), contudo, evidenciou que ao se concluir curso superior e/ou mestrado e/ou doutorado em áreas não focadas em processos pedagógicos, não se está preparado para a docência. Nem mesmo os formandos dos cursos de pedagogia e demais licenciaturas estão ‘prontos’ de forma definitiva para ser educadoras e educadores. Novos desafios, novos temas, e novas realidades surgem cotidianamente na práxis educativa (SCHÖNARDIE, 2015, p. 143-145). A supracitada afirmação de Morin (2014), de que é preciso educar os educadores, alça para a formação continuada, para o constante repensar, para o ponderar a prática educativa do dia a dia. Educadores e educadoras estão, assim, desafiados a refletir constantemente sobre sua prática. Esta ponderação da práxis remete à construção de saberes necessários à prática educativa (FREIRE, 2014). Neste contexto, Freire propõe a ‘pedagogia da autonomia’, que passa a ser a base teórica do questionamento e da (re-)construção da experiência e da prática educativa.

O objetivo central deste estudo está em repensar a própria prática educativa com base na perspectiva epistemológica da pedagogia da autonomia freireana. Por isso a obra ‘Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa’, de Paulo Freire, é nossa referência teórica básica. No centro da análise, está assim, a ponderação de nossos ‘atos’ de docência, com os quais contribuimos para ‘formar’ professores. Queremos assim nos reeducar como educadores, e quiçá possamos com as palavras aqui redigidas, servir de alento ao processo contínuo de formação de formadores. Entendemos que assim, possamos contribuir na análise e reflexão sobre a formação docente inicial e continuada e, desta maneira, aprofundar conhecimentos sobre atuação profissional, identidade e dimensões éticas de processos de ensinar e de aprender. Acreditamos, desta maneira, contribuir com os desafios mais recentes da docência. Certamente se trata de uma maneira de favorecer a ação didática pedagógica inovadora, problematizando saberes inerentes às práticas educativas, a partir de uma releitura dos teóricos da educação, e aqui especificamente, a teoria freireana da pedagogia da autonomia.

Metodologicamente orientamos nossa pesquisa, por um lado na revisão bibliográfica, com centralidade na obra ‘Pedagogia da autonomia’ de Paulo Freire. E por outro lado, com base nesta perspectiva teórica, objetivamos analisar nossa própria prática educativa.

Na sequência, no corpo do texto, aprofundamos a reflexão teórica a partir de nossas experiências docentes. Ponderamos, assim, diálogo entre teoria e prática.

## **Prática educativa ponderada pela teoria da educação: uma análise com base na pedagogia da autonomia**

Na obra ‘Pedagogia da Autonomia’, Paulo Freire (2014) remete as leitoras e os leitores a realizarem análises críticas de suas práticas educativas. Pensar criticamente no âmbito educativo significa levar em consideração a curiosidade, o conhecimento recíproco entre docentes e discentes, ir para além de conteúdos programáticos e de manuais tácitos, ou da transmissão simples e mecânica de informações. Se buscarmos, entretanto, em nossa

memória, muitos dos momentos em que estivemos em sala de aula na condição de docentes, sobretudo em nossas primeiras experiências como professores, percebemos que nem sempre estivemos preparados no sentido pedagógico da autonomia. A reflexão nos leva, hoje, a admitir que também fomos autoritários e bancários em nossa prática da docência. Professores e professoras recém-concluintes do ensino superior, na maioria das vezes, não possuem muito mais do que curtos estágios de docência. E ao se depararem com o cotidiano do trabalho escolar e universitário, passam, de uma hora para a outra, a ser responsáveis por turmas que por vezes possuem mais que 50 estudantes, além de haver uma ementa disciplinar indicando conteúdos para serem trabalhados em um número reduzido de horas-aula. Esta é uma realidade dura para recém ‘formados’ praticamente sem experiências pedagógicas. Nessa conjuntura, premidos pela realidade, recorreremos muitas vezes a formas autoritário-bancárias de ensino.

Numa perspectiva autoritário-bancária de educação, o centro de todo o processo educativo está no professor. Paulo Freire, no entanto, nos ensina que

não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2014, p. 25).

O reconhecimento dos discentes como sujeitos ativos dos processos educativos é a primeira condição para a construção de um ambiente escolar que permita autonomia tanto na aprendizagem quanto no ensino. Certamente o domínio antecipado dos conteúdos por parte dos professores e das professoras continua como pré-condição para o ensino, e é com este conhecimento prévio que a educação jamais deixará de ser um processo de intervenção, e esta preferencialmente na zona de desenvolvimento proximal dos estudantes (Vygotsky, 2000). A partir de conhecimentos teóricos prévios é função dos educadores e das educadoras provocar a curiosidade nos discentes. Aguçando e permitindo a curiosidade dos estudantes durante o processo educativo, estes vão se tornando sujeitos protagonistas nos espaços pedagógicos, vão construindo sua autonomia. Para Freire, a junção entre a curiosidade ingênua e o saber acumulado historicamente, e mediado pelos docentes, “implica o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando” (FREIRE, 1996, p. 33). Pela teoria que a curiosidade vai se tornando mais e mais rigorosa, passando para o estágio que Freire (1996, p. 32) chama de curiosidade epistemológica. Assim se torna evidente que

o que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser ‘educado’, vai gerando a coragem (FREIRE, 2014, p. 45).

Quando percebemos que os estudantes e que também nós educadores somos sujeitos com sentimentos e não meros transmissores ou receptores de conteúdos, começamos a ponderar nossa prática educativa. Obviamente que a práxis nos levou a uma inquietação, mas somente após lermos a ‘Pedagogia da autonomia’ que conseguimos refletir de forma mais crítica e ao mesmo tempo mudar significativamente nosso cotidiano escolar. Hoje percebemos que escutar colegas e estudantes é parte integrante e primordial do ato educativo. Passamos assim a ter um comprometimento muito maior com a educação. Nesse sentido

comprometer-se com uma educação crítica e libertadora obriga a investigar em que medida os objetivos, os conteúdos, os materiais curriculares, as metodologias didáticas e os modelos de organização escolar respeitam as necessidades dos distintos grupos sociais que convivem em cada sociedade (SANTOMÉ, 2013, p. 9).

Professores passam a ser pesquisadores. O professor pesquisador “é aquele que busca conhecer a realidade concreta com os ‘alunos’, ensinando a partir dessa realidade” (SCHÖNARDIE, 2008, p. 42). Estamos aqui em consonância com Freire, que defende que precisamos “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2014, p. 47). Acabamos por perceber que também somos seres inacabados e quando nos reconhecemos como inacabados, vimos que temos muito a aprender com os educandos e as educandas. “É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados” (FREIRE, 2014, p. 57).

Com o reconhecimento de nosso inacabamento, entendemos o que Freire (2014) quis dizer quando indicou que ensinar exige humildade e tolerância. Paulo Freire (2014) também escreve que o ensinar exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos estudantes, criticidade, estética e ética, corporificação das palavras pelo exemplo, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e a assunção da identidade cultural, consciência do inacabado, bom-senso, humildade tolerância e luta em defesa dos direitos dos professores, apreensão da realidade, curiosidade e exige a convicção de que a mudança é possível.

Mudamos nossas atividades de docência, procuramos agora fazer assim como Freire:

é assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre de esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos (FREIRE, 2014, p.70).

Começamos nossa prática educativa com praticamente nenhuma experiência pedagógica. Erramos, ou seja, também utilizamos práticas autoritário-bancárias. Inquietamos com essas nossas primeiras experiências de sala de aula. Buscamos uma matriz epistemológica a partir da pedagogia da autonomia, para ponderar nossa prática. Hoje, os espaços escolares em que atuamos certamente não são perfeitos pedagogicamente, mas temos a convicção de que já avançamos na construção de saberes pedagógicos com os quais praticamos autonomia discente e docente. Mas, cientes, entretanto, do inacabamento, ainda vislumbramos caminho inacabado.

### **Algumas considerações**

Propusemos repensar nossa própria prática educativa. O ponto de partida foi a inquietação surgida em nosso cotidiano escolar e docente. Buscamos a aproximação teórica com a pedagogia da autonomia freireana. E este exercício de aprofundamento teórico nos proporcionou não somente repensar nossa prática educativa, mas concomitantemente mudar nossa atuação junto aos discentes. Ponderamos assim nossos ‘atos’ de docência e pela perspectiva epistemológica da pedagogia da autonomia. E ao nos aproximarmos desta epistemologia educativa, reeducamo-nos. Acabamos por nos reconhecer inacabados e como tal cientes do protagonismo histórico e social dos estudantes, o que fez com que agora nossas aulas tenham para além do ponto de chegada, também o ponto de partida no cotidiano discente. Também levantamos inicialmente o desejo, de nossa reflexão, servir de alento para o processo contínuo de formação de formadores. Este objetivo está apenas parcialmente atendido. Certamente, na condição de formadores de formadores, repassamos aos

licenciandos, que agora percebemos como protagonistas na formação de formadores, nossa perspectiva da ponderação da própria prática educativa pela pedagogia da autonomia. Mas continuamos a sonhar, que quiçá possamos influir também os demais leitores a partir das palavras lançadas ao seu crivo. Na difusão deste debate, certamente há potencial de resolução de desafios da formação inicial e continuada de professores e para a mudança de suas práticas, favorecendo inovações pedagógicas.

## Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- MORIN, Edgar. É preciso educar os educadores. In: **O Globo**. Agosto 2014. Disponível em <http://www.fronteras.com/entrevistas/entrevista-edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores>  
Acesso em 12 jul. 2015.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Currículo Escolar e Justiça Social**. O cavalo de troia da educação. Tradução de Alexandre Salvaterra. Revisão Técnica de Álvaro Hypolito. Porto Alegre: Penso, 2013.
- SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo. Educação do campo. Desafio à pedagogia. In: MARTINAZZO, Celso José; WESCHENFELDER, Noeli Valentina. (Org.). **O curso de pedagogia da Unijuí e suas interfaces**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.
- SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo. Prática e reflexão na docência do ensino superior. Formação de Professores(as)/Pesquisadores(as)? In: SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo; MEZALIRA, Sandra Mara; MARTINAZZO, Celso José. (Org.). **Estágio de docência na graduação**. O desafio da formação de professores. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.
- VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.